

## A documentação no Brasil: primórdios de sua inserção no país (1895-1920)

**Carlos Henrique Juvêncio**

[carloshjuv@gmail.com](mailto:carloshjuv@gmail.com)

**Georgete Medleg Rodrigues**

[medleg.georgete@gmail.com](mailto:medleg.georgete@gmail.com)

Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, DF, Brasil

**Resumo:** No final do século XIX, início do XX, Paul Otlet e Henri La Fontaine disseminam seus ideais documentalistas ao redor do mundo por meio das iniciativas do Instituto Internacional de Bibliografia. Nesse sentido, este trabalho visa compreender como os conceitos de Documentação apregoados pela dupla belga são incorporados no Brasil. Desta forma, investiga diversas ações de instituições brasileiras que foram tomadas em concordância com as ideias apregoadas pelo Instituto Internacional de Bibliografia, dando destaque às ações da Biblioteca Nacional, do Real Gabinete Português de Leitura e da Biblioteca da Marinha, todas com sede no Rio de Janeiro. Por meio de pesquisa documental, evidencia que a inserção da Documentação no Brasil se dá por meio de iniciativas isoladas, contudo, convergindo para a adoção dos ideais de Otlet e La Fontaine nas instituições brasileiras.

**Palavras-chave:** Bibliografia; Documentação; Henri La Fontaine; Instituto Internacional de Bibliografia; Paul Otlet.

### ARTIGOS

#### **La documentación en Brasil: inicio de su integración en el país (1895-1920)**

**Resumen:** A finales del siglo XIX, principios del XX, Paul Otlet y Henri La Fontaine extendieron sus ideales de documentación en el mundo a través del Instituto Internacional Bibliografía. En este sentido, este trabajo tiene como objetivo comprender cómo se incorporan los conceptos de documentación promocionado por el dúo belga en Brasil. Por lo tanto, investiga diversas acciones de las instituciones brasileñas que han sido tomadas de acuerdo con las ideas proclamadas por el Instituto Internacional de Bibliografía, destacando las acciones de la Biblioteca Nacional, de lo Real Gabinete Português de Leitura y la Biblioteca da Marinha, todos con sede en Rio de Janeiro. A través de la investigación documental, muestra que la inclusión de la documentación en Brasil es por medio de iniciativas aisladas, sin embargo, convergiendo a adoptar los ideales de Otlet y La Fontaine en instituciones brasileñas.

**Palabras clave:** Bibliografía; Documentación; Henri La Fontaine; Instituto Internacional de Bibliografía; Paul Otlet.

#### **The documentation in Brazil: beginning of their integration in the country (1895-1920)**

**Abstract:** In the late nineteenth century, early twentieth, Paul Otlet and Henri La Fontaine spread its ideals of documentation around the world through the International Institute of Bibliography initiatives. In this sense, this work aims to understand how the Documentation concepts touted by the Belgian duo are incorporated in Brazil. Thus, investigates various actions of Brazilian institutions that have been taken in accordance with the proclaimed ideas by the International Institute of Bibliography, highlighting the actions of the National Library, the Real Gabinete Português de Leitura and the Biblioteca da Marinha, all based in Rio de Janeiro. Through documentary research, shows that the inclusion of documentation in Brazil is through isolated initiatives, however, converging to adopt the ideals of Otlet and La Fontaine in Brazilian institutions.

**Keywords:** Bibliography; Documentation; Henri La Fontaine; International Institute of Bibliography; Paul Otlet.

## 1 Introdução

A virada do século XIX para o XX é marcada por grandes transformações no campo bibliográfico e biblioteconômico. A fundação, em 1895, do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) em Bruxelas, Bélgica, é um marco, os ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine, seus fundadores, circundam o mundo difundindo a bibliografia como técnica de tratamento e difusão das informações e/ou conhecimento da humanidade (RAYWARD, 1975; OTLET; LA FONTAINE, 1895).

Desta forma, o objetivo deste artigo é apontar algumas das iniciativas brasileiras que vão ao encontro dos ideais do Instituto no Brasil e que servem de marco para o estabelecimento da Documentação, enquanto disciplina, no país.

Para tanto, nossa pesquisa se baseou na revisão de literatura de estudiosos do período, tais como Fonseca (1957, 1973a, 1973b), Oddone (2006) e Ortega (2004, 2009a, 2009b), bem como buscou aprofundar alguns aspectos já abordados em nossa dissertação, que objetivou desvelar a relação entre a Biblioteca Nacional brasileira e o Instituto belga.

Nesse sentido, também buscamos nos apoiar na visão dos fundadores do Instituto para melhor entendê-los, assim o *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie* foi fonte recorrente, bem como obras de Otlet sobre o assunto.

## 2 Os Ideais Otletianos do Instituto Internacional de Bibliografia

O Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) foi fundado no ano de 1895, em Bruxelas, por ocasião do I Congresso Internacional de Bibliografia. Seus pais intelectuais, conforme já mencionado, foram a dupla de juristas belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine (OTLET, 1908). Segundo Otlet e La Fontaine (1895, p. 38, tradução nossa), o Congresso decidiu pela criação do Instituto, visando “os estudos das questões relativas à bibliografia em geral e, também, especialmente à elaboração do Repertório Universal”<sup>1</sup>.

Assim, no primeiro número do *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie*, que traz em seu escopo o estatuto do IIB, destacamos que a ideia do Instituto “Favorecer o progresso do inventário, da classificação e da descrição dos produtos do espírito humano”; além de “3º dar assistência a qualquer tentativa séria de classificações internacionais”, contribuindo “[...] , por meio de publicações e por quaisquer outros meios, para que aqueles que publicam, colecionam, analisam ou consultam livros ou outros produtos do espírito

---

<sup>1</sup> “[...] ayant pour objet l'étude de toutes les questions se rattachant à la bibliographie en général et plus spécialement à l'élaboration du Répertoire universel”.

humano, adotem um sistema de classificação uniforme e internacional” (INSTITUT INTERNATIONAL DE BIBLIOGRAPHIE, 1895, p. 12-14, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Sob este prisma, o Instituto nasceu com a perspectiva de tornar acessível todo o registro de conhecimento produzido pela humanidade sob os preceitos da cooperação internacional e a livre troca de informações. Para este fim utilizava a representação documental dos itens em fichas catalográficas padrão 7,5cm X 12,5cm. Tais fichas, formavam o *Repertório Bibliográfico Universal* (RBU), que intentava ser o inventário de todas os frutos do espírito humano. Otlet (1908, p. 363-364, tradução nossa) nos fala que:

O objetivo deste repertório é coletar e manter constantemente atualizados elementos de um primeiro protótipo do repertório geral, reunindo registros bibliográficos relacionados com os escritos de qualquer natureza, cobrindo todos os assuntos publicados em todos os tempos e em todos os países.

Para cada escrito (livros, artigos, memórias de sociedades científicas, publicações periódicas oficiais), uma descrição sinalética ou registro bibliográfico é feito. Esses registros são gravados em fichas móveis de formato único, 7,5cm X 12,5cm, cada um dos quais representa um único documento. Esses registros são armazenados em arquivos<sup>3</sup>.

O RBU, conforme descrito por Otlet (1908), buscava reunir em um único catálogo, através da representação documental, não só toda a produção intelectual humana já produzida, como também a que ainda seria realizada, por meio de sua constante atualização. Dessa forma, a construção do RBU seria um trabalho contínuo e sem fim, tendo em vista sua necessidade de constante atualização; ela contaria com a criação de Bibliografias Nacionais, por exemplo, outro instrumento de controle bibliográfico, que reúne toda a produção intelectual de determinado período (geralmente um ano) em determinada nação.

---

<sup>2</sup> “De favoriser les progrès de l’inventaire, du classement et de la description des productions de l’esprit humain; [...]”

<sup>3</sup> De donner son concours à toute tentative sérieuse de classement international; [...] par des publications et par tous autres moyens, à faire adopter par ceux qui publient, collectionnent, consultent ou analysent des livres ou des productions de l’esprit humain, un système de classement uniforme et international”.

<sup>3</sup> “L’objet de ce Répertoire est de rassembler et de tenir constamment à jour les éléments d’un premier répertoire général prototype, réunissant les notices bibliographiques relatives aux écrits de toute nature, traitant de toutes les matières, publiées dans tous les temps et dans tous les pays.

De chaque écrit (livres, articles, mémoires de sociétés savantes, publications officielles périodiques), il est fait une description signalétique, ou notice bibliographique. Ces notices sont relevées sur fiches mobiles, de format uniforme, 125m/m X 75m/m, dont chacune est consacrée à l’indication d’un seul écrit. Ces notices sont rangées dans des meubles classeurs”.

Apesar de a missão proposta para o RBU parecer utópica, ela diferia de outras tentativas de reunião de todo o conhecimento humano em um único local, como a Biblioteca de Alexandria, pois não consistia em reunir num único espaço toda a produção documental da humanidade, mas a sua representação.

Sob os pilares de cooperação internacional, por meio da adoção do ideal belga por instituições tais como bibliotecas, arquivos, museus e instituições de ensino, os objetivos do RBU são formulados da seguinte maneira: 1º) O RBU deve ser completo, compreendendo a bibliografia do passado e do presente; 2º) A ordem do repertório deve ser tanto ideológica como onomástica, ou seja, tanto por assunto, quanto por autor; 3º) Como instrumento de pesquisa, o RBU deve estar disponível em todos os centros intelectuais; 4º) O RBU deve ser exato e preciso, mas deve também permitir a sua correção de modo simples e rápido; 5º) O repertório deve estar totalmente disponível ao público; 6º) O RBU deve estar associado a uma rede de catálogos de bibliotecas, permitindo o acesso rápido às obras; 7º) A iniciativa deve servir de estatística intelectual acerca das obras produzidas pelo espírito humano; 8º) O repertório deve assegurar aos autores a proteção legal de suas obras intelectuais (OTLET; LA FONTAINE, 1895, p. 16-17).

Objetivando cumprir a sua missão, o IIB adotou uma série de procedimentos para o tratamento dos itens que comporão o RBU; tal iniciativa visava a padronização universal de técnicas, bem como a coerência das representações. Com essa finalidade, o padrão americano de ficha, citado anteriormente, foi adotado, assim como a Classificação Decimal de Dewey (CDD) – criada em 1876 pelo bibliotecário americano Melvil Dewey –, instrumento de descrição temática dos itens no início do projeto.

Contudo, com o avanço dos trabalhos, Otlet e La Fontaine perceberam que a adoção da CDD não resolvia alguns problemas de classificação, muitos deles ficando sem solução. Nesse sentido, eles pedem autorização a Melvil Dewey para que a sua classificação seja adaptada aos ideais do Instituto e desta iniciativa surge a Classificação Decimal Universal (CDU), que tem por propósito aperfeiçoar as formas de representação do conhecimento (RAYWARD, 1975).

Talvez a maior crítica de Otlet à CDD tenha sido quanto ao seu caráter restritivo, pois, como aponta Rayward (1975), esta classificação traz em seu escopo o modelo americano de ciência, privilegiando os Estados Unidos e seus aspectos no momento da classificação, resguardando várias classes ou assuntos apenas a esse país. Dessa forma, o resto do mundo, ou grande parte dele, é forçado a se adaptar em subclasses com números cada vez mais extensos e difíceis de serem localizados. Assim, a CDU explora todo o caráter que carrega em

seu nome, buscando realmente ser uma classificação universal que permite a representação de todas as nações ou povos de forma quase igualitária, ou requerendo pequenas modificações (RAYWARD, 1975).

A CDU foi publicada por Otlet e La Fontaine entre os anos de 1904 e 1907 (RAYWARD, 1975). Hoje, após sofrer pequenas modificações, ela organiza-se da seguinte forma:

a) Nove tabelas principais divididas por áreas do conhecimento:

- 0 CIÊNCIA E CONHECIMENTO. ORGANIZAÇÃO. INFORMÁTICA. INFORMAÇÃO. DOCUMENTAÇÃO. BIBLIOTECONOMIA. INSTITUIÇÕES. PUBLICAÇÕES
- 1 FILOSOFIA. PSICOLOGIA
- 2 RELIGIÃO. TEOLOGIA
- 3 CIÊNCIAS SOCIAIS
- 5 MATEMÁTICA. CIÊNCIAS NATURAIS
- 6 CIÊNCIAS APLICADAS. MEDICINA. TECNOLOGIA
- 7 ARTE. RECREAÇÃO. ENTRETENIMENTO. DESPORTO
- 8 LÍNGUA. LINGUÍSTICA. LITERATURA
- 9 GEOGRAFIA. BIOGRAFIA. HISTÓRIA (UDC CONSORTIUM, c2012)

b) Treze tabelas auxiliares comuns:

- |                                                                                                          |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| + Coordenação. Adição (sinal de mais)                                                                    | Tabela 1a |
| / Extensão consecutiva (sinal de barra oblíqua)                                                          | Tabela 1a |
| : Relação simples (sinal de dois pontos)                                                                 | Tabela 1b |
| :: Ordenação (sinal de dois pontos duplos)                                                               | Tabela 1b |
| [] Subagrupamento (sinal de parênteses rectos)                                                           | Tabela 1b |
| * Introdução de notações exteriores à CDU (sinal de asterisco)                                           | Tabela 1h |
| A/Z Especificação alfabética (A/Z)                                                                       | Tabela 1h |
| =... Auxiliares comuns de língua                                                                         | Tabela 1c |
| (0...) Auxiliares comuns de forma                                                                        | Tabela 1d |
| (1/9) Auxiliares comuns de lugar                                                                         | Tabela 1e |
| (=...) Auxiliares comuns de grupos humanos, etnias e nacionalidade                                       | Tabela 1f |
| "..." Auxiliares comuns de tempo                                                                         | Tabela 1g |
| -0... Auxiliares comuns de características gerais. Propriedades, Materiais, Relações/Processos e Pessoas | Tabela 1k |
- (UDC CONSORTIUM, c2012)

Em comparação à CDD, as classes principais da CDU são praticamente idênticas, porém, a Classificação de Dewey é organizada de forma decimal, com uso de ponto após a primeira sequência de três números, além de possuir a Classe 400 (Línguas). A maior diferença entre os dois sistemas de classificação parece residir no uso das tabelas auxiliares: a CDU é mais flexível quanto a isso, permitindo maior variedade de combinações e uso de símbolos, o que torna a descrição do item mais específica do que na CDD.

Aliada às técnicas de catalogação e descrição bibliográfica, a CDU passou a ser um instrumento pelo qual documentos que abordam o mesmo assunto ou assuntos correlatos podem ser encontrados mais facilmente, devido à aproximação forjada por catálogos sistemáticos.

### **3 A Documentação no Brasil: Lideranças e Perspectivas**

Otlet e La Fontaine fundam o Instituto Internacional de Bibliografia e, apoiados na Bibliografia, passam a difundir seus ideais ao redor do mundo como meio de buscar adeptos à construção do repertório Bibliográfico Universal (RBU) e a adotarem seu métodos e normas de representação do conhecimento.

Dentre os primeiros consortes brasileiros na empreitada belga, podemos destacar Juliano Moreira – que utilizou a CDU na revista por ele dirigida: os *Annaes da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia*, Oswaldo Cruz – que introduziu a CDU no Instituto de Manguinhos, e a Câmara dos Deputados que na gestão do escrito Mário de Alencar, também adota a CDU como forma de classificar o seu acervo (FONSECA, 1973a).

Contudo, aquele que mais se destaca no período é Victor da Silva Freire que escreve sobre a necessidade brasileira de participação na iniciativa belga de difusão e acesso à informação. Em seu texto, Freire (1900, p. 155) diz que:

O *Office* tem fornecido e continua a fornecer duplicatas do repertorio existentes a varias instituições; d'elle tira igualmente extractos referentes a questões especiaes, mediante insignificante retribuição.

Em resumo, a obra colossal e utilitaria que o Instituto tomou a seu cargo, acha-se em plena elaboração.

Para a completa realização do seu programma, dirige o Instituto um appello aos trabalhadores intellectuaes de todos os paizes.

Podemos nós, brasileiros, recusar-lhe a nossa cooperação?

Na America, depois dos Estados-Unidos, cuja parte em todo o movimento foi vista no decorrer da exposição, o Governo Mexicano, compreendendo todo o interesse que havia no desenvolvimento da obra encetada, creou o *Instituto Bibliographico Mejicano*, instituição annexa á Bibliotheca Nacional, e cuja missão é reunir os elementos para a bibliographia geral do Mexico, abrangendo:

1.º Todas as obras escriptas por Mexicanos, seja qual fôr o logar em que tenham sido publicadas;

2.º As obras de autores estrangeiros que tenham sido impressas no Mexico. Que processo haverá, superior a este e de mais fecundos resultados, capaz de desvendar aos olhos de todos, nacionaes e estrangeiros, os recursos naturaes de um paiz novo e mal conhecido ou injustamente apreciado, o gráu de cultura e de civilisação dos seus filhos?

Realisar um tal objectivo equivale a collaborar para seu desenvolvimento, fortalecendo ao mesmo tempo o espirito de nacionalidade.

Portanto, sob este ponto de vista, não temos o direito de regatear no nosso auxilio á obra commum; cumpre-nos o dever de contribuir para o patrimonio da humanidade com a Bibliographia Brasileira.

E finaliza declarando que:

Com um pequeno esforço de cada um, a Bibliographia Brasileira será uma realidade dentro de pouco tempo.

A's [sic] corporações scientificas, ás escolas e academias, seria facil estabelecer, mediante insignificante despeza, duplicatas da Bibliographia Universal, que permittiriam pôr ao alcance do trabalhador as fontes de instrucção que tão grande falta hoje lhe fazem.

Finalmente, a organização racional das nossas bibliothecas transformal-as no que ellas devem ser: um instrumento de estudo ao alcance de todos (FREIRE, 1900, p. 156-157).

Freire (1900) demonstra sua afinidade com a causa de Otlet e La Fontaine, enxergando a criação de fontes de informações como um meio para o desenvolvimento e para o progresso das nações. Bem como enxerga que a organização de uma bibliografia nacional é fator preponderante para a preservação da memória do país e do mundo, enxergando o projeto de Paul Otlet e Henri La Fontaine como um modo de contribuir para o patrimônio da humanidade. O legado seria o inventário de toda a produção humana em qualquer suporte, em qualquer formato, visando que todos tenham acesso àquilo que Otlet (1908) chama de fruto do espírito humano.

A partir do texto de Freire (1900), temos por destaque as ações da Biblioteca da Marinha, do Real Gabinete Português de Leitura e da Biblioteca Nacional, todas situadas no Rio de Janeiro.

Sob a égide do bibliotecário João Augusto dos Santos Porto, a Biblioteca da Marinha inicia seu processo de modernização, optando por adotar a Classificação Decimal de Dewey pois:

Este importante systema de classificação é hoje adoptado pelo Instituto Internacional de Bibliographia, cuja missão é estabelecer um repertorio bibliographico universal pelo qual possa-se obter reproduções parciaes que tratem, respectivamente, de assumptos concernentes à qualquer ramo do conhecimento humano, de como a collocar sempre:

1.º «Os homens de estudos ao corrente dos trabalhos de seus predecessores e de seus contemporaneos, para utilizar e levar mais longe as



investigações científicas evitando repetições involuntárias e perda de tempo.

2.º «Os profissionais, legisladores, administradores, etc., na posse de documentos que lhes possam ser úteis, fornecendo preciosos elementos de sucesso para as lutas industriais ou na gestão dos negócios públicos.»

Com este objectivo procura o Instituto adoptar á esta classificação certos melhoramentos, de modo a preencher mais satisfactoriamente sua missão (SILVA, 1902, p. 905-906).

Silva (1902) também observa que a Bibliografia, enquanto disciplina da Biblioteconomia, é elemento chave na organização do conhecimento humano, oferecendo preciosas informações sobre os livros. O que vai de encontro aos ideais do IIB. Logo, a empreitada belga é vista como fator preponderante para o desenvolvimento científico da sociedade, mas, também, para o desenvolvimento econômico, na gestão dos negócios públicos, entendendo a informação como parte estratégica na gestão industrial e de negócios públicos.

Já o Real Gabinete Português de Leitura, cujo seu “Bibliotecário-Mór” era Benjamin Franklin Ramiz Galvão, promotor da grande reforma que a Biblioteca Nacional sofreu sob sua direção nas décadas de 1870 e 1880, também participa de tal empreitada. De fato, a iniciativa de Ramiz Galvão demonstra desde o século anterior sua afinidade com a construção de repertórios e/ou bibliografias nacionais, nesse sentido, sua primeira empreitada foi com a edição do *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, visando apresentar tudo o que concerne à pátria e sua história (AMADEO; KURY, 2014).

De fato, o então bibliotecário do Real Gabinete buscava adotar o que era moderno na instituição em que dirigia (FONSECA, 1963), assim, como fizera na Biblioteca Nacional, ao publicar o *Catálogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*, optou por organizar o:

[...] *Catálogo* segundo o systema decimal do illustre americano Melvil Dewey, acceto e preconizado pela Repartição Internacional de Bibliographia de Bruxellas, – systema que já adopataram mais de 1000 bibliothecas dos Estados Unidos e muitos dos conceituados especialistas do Velho-Mundo (RAMIZ GALVÃO, 1906, p. IX, grifo do autor).

O bibliotecário continua sua “Advertencia” do *Catálogo* enumerando as vantagens do sistema de Melvil Dewey, destacando a aproximação física de obras que tratam de assuntos semelhantes, a padronização internacional da nomenclatura, ou seja, do número de chamada da obra, a sua criação por especialistas dentre outras (RAMIZ GALVÃO, 1906). Por fim, tece a seguinte consideração: “Parece que assim teremos contribuido para tornar util esta publicação, conservando-lhe entretanto perfeito accôrdo com os trabalhos do *Instituto* de Bruxellas, que préga com optimo fundamento as vantagens da uniformização bibliographica” (RAMIZ GALVÃO, 1906, p. XIII, grifo do autor).

Até que, em 1911, a Biblioteca Nacional brasileira lança as bases de seu Serviço de Bibliographia e Documentação, estabelecendo contato com o IIB por meio da figura de seu diretor, à época Manoel Cícero Peregrino da Silva. Fonseca (1957, p. 119) observa que:

[...] A Biblioteca Nacional teve a sorte de ser dirigida, de 1900 a 1915 e de 1919 a 1921, por Manoel Cícero Peregrino da Silva [...] Deve-se a êle, igualmente, a primeira tentativa de organização da bibliografia brasileira na base da cooperação nacional e internacional. Empolgado com as primeiras atividades do Instituto Internacional de Bibliografia, de Bruxelas, Manoel Cícero Peregrino da Silva compreendeu logo o que Fidelino de Figueiredo diria mais tarde, na primeira de suas memoráveis conferências em São Paulo: “o serviço bibliográfico já não pode ser devoção individual, nem fantasia acadêmica, tem de ser desempenhado por um organismo técnico, um Instituto Nacional de Bibliografia com pessoal especializado, com a estreita colaboração das bibliotecas e hemerotecas, não para publicar um Dicionário Bibliográfico, mas, para organizar a bibliografia geral do passado e registrar a de cada dia e cada hora”. Na reforma que introduziu na Biblioteca Nacional em 1911, Manoel Cícero Peregrino da Silva estabeleceu um “Serviço de Bibliografia e Documentação em correspondência com o Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas”. [...] Por aí se vê que Manoel Cícero Peregrino da Silva foi também precursor em matéria de serviços bibliográficos e que na sua reforma da Biblioteca Nacional estava quase profeticamente anunciando o órgão que só em 1954 se instalaria, com o nome de Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação.

Desta forma, Peregrino da Silva justifica a adesão da Biblioteca ao ideal do Instituto declarando em seu relatório de 1909 (SILVA, 1910) que a Bibliografia seria o elemento chave na organização do conhecimento humano, servindo de norte para a descrição dos documentos, entendendo que:

A documentação no sentido amplo que lhe atribue o Instituto [Internacional de Bibliografia] abrange não só os textos manuscritos e impressos, mas tudo quanto se tem empregado como meio de realização da produção intellectual e como meio de transmissão das aquisições do homem no dominio da intelligencia. É a reunião e a coordenação de todos os documentos, conjuncto que representará a experiencia universal (SILVA, 1910, p. 773).

Peregrino da Silva ainda prossegue, dizendo que “[...] A documentação vem coordenar os elementos característicos dos materiaes que a intelligencia humana vae accumulando atravez dos seculos” (SILVA, 1910, p. 773).

Tais ideias parecem indicar a afinidade de seu pensamento com o de Paul Otlet e Henri La Fontaine, sob este prisma, Fonseca (1957, p. 98) declara que “Manoel Cícero Peregrino da Silva foi um autêntico precursor brasileiro da Documentação, um homem com visão profética de Paul Otlet e Henri La Fontaine”. Fonseca (1973a, p. 41) chega a nomear Peregrino da Silva de Otlet brasileiro.

Ortega (2004, p. 6), por exemplo, destaca que:

[...] em 1911, o professor de Direito Manoel Cícero Pelegrino [sic] da Silva, diretor-geral da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, criou o Serviço de Bibliografia e Documentação em correspondência com o IIB, com a pretensão de organizar o repertório bibliográfico brasileiro em fichas catalográficas e com uso da CDU, incluindo o tratamento dos artigos de periódicos, como uma contribuição ao controle bibliográfico internacional.

Oddone (2006, p. 47), por sua vez, observa que:

Disponível na literatura brasileira da área desde os trabalhos produzidos por Edson Nery da Fonseca na década de 1950, a ligação entre a Documentação e Biblioteconomia nos conduzia diretamente à figura de Manuel Cícero Peregrino da Silva e às iniciativas por ele implementadas na Biblioteca Nacional durante os anos de 1910 e 1920, traços seguros da entrada do conceito de Documentação no país e da nossa participação no movimento europeu liderado por Paul Otlet (FONSECA, 1957, 1973; RAYWARD, 1996). (ODDONE, 2010, p.4-5).

Nesse sentido, podemos observar que algumas ações de instituições e/ou brasileiros foram de encontro aos ideais do Instituto Internacional de Bibliografia.

#### **4 Considerações Finais**

De fato, o embrião da disciplina Documentação é semeado no Brasil em várias frentes, contudo, se restringindo, em sua maioria à adoção da CDD e, posteriormente, CDU para a organização de seus acervos e na edição de bibliografias e catálogos de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo Instituto Internacional de Bibliografia.

Instituições como a fundação Oswaldo Cruz, a Câmara dos Deputados, a Biblioteca da Marinha e o Real Gabinete Português de Leitura encampam tais ideais, evidenciando que o Rio de Janeiro, àquela altura, capital da república, era o centro receptor de tais ideais no país, bem como, seu polo irradiador no Brasil.

Contudo, uma exceção se faz necessária, a Biblioteca Nacional, uma vez que funda o seu Serviço de Bibliographia e Documentação em correspondência com o IIB; compra fichas do Repertório Bibliográfico Universal; funda um curso de Biblioteconomia; adota a Documentação como preceito para o tratamento de seus acervos, bem como enxerga na Bibliografia um meio de controle e divulgação da produção intelectual brasileira.

Ação de destaque, também, é a edição do *Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional* entre 1918 e 1921, fruto do envio de um funcionário da instituição à Bruxelas para estudar os modos de organização do IIB (JUVÊNCIO, 2014). Tal iniciativa, para além de ser o coroamento do contato brasileiro com os ideais de Otlet e La Fontaine, se mostra a primeira iniciativa de sucesso na construção de uma bibliografia realmente nacional, de fato, desde

1881, com a edição do *Catálogo da Exposição de História do Brasil* por Ramiz Galvão, o Brasil não contava com iniciativas de construção de uma bibliografia nacional.

Por fim, nos parece que um ensaio de movimento bibliográfico brasileiro acontece no período, mas sem a coordenação necessária para que realmente se efetivasse, sendo executado por iniciativas muito mais individuais do que pela coordenação que tanto apregoava a instituição belga.

## Referências

AMADEO, Maria Eliza; KURY, Lorelai. O catálogo de exposição de história do Brasil (1881). **Biblioteca Nacional Digital**, 29 jun. 2014. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/artigos/o-catalogo-de-exposicao-de-historia-do-brasil-1881/>>. Acesso em: 22 set. 2015.

FONSECA, Edson Nery da. Desenvolvimento da Biblioteconomia e da Bibliografia no Brasil. **Revista do Livro**, v. 2, n. 5, p. 95-124, mar. 1957.

\_\_\_\_\_. **Ramiz Galvão**: bibliotecário e bibliógrafo. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

\_\_\_\_\_. Origem, evolução e estado atual dos serviços de Documentação no Brasil. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 108, n. 1, p. 37-52, jan. /abr. 1973a.

\_\_\_\_\_. Bibliografia Estatística e Bibliometria: uma reivindicação de prioridades. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-7, 1973b.

FREIRE, Victor da Silva. A Bibliographia universal e a Classificação decimal. **Anuario da Escola Polytechnica de São Paulo**, n. 2, p. 125-157, 1901.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. **O Mundaneum no Brasil**: O Serviço de Bibliographia e Documentação da Biblioteca Nacional e seu papel na implementação de uma rede de informações científicas. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, 2014.

ODDONE, Nanci. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan. /abr.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, out. 2004.

\_\_\_\_\_. A documentação como uma das origens da ciência da informação e base fértil para sua fundamentação. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 3, n. 1, p.3-35, Jan. /jun. 2009a.

\_\_\_\_\_. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. especial, p. 59-79, 2009b.

OTLET, Paul. L'Office International de Bibliographie. In: LE MOUVEMENT scientifique en Belgique : 1830-1905: tomo II. Bruxelas: Sociéte Belge de Librairie, 1908. p. 358-374.

Disponível em:  
<<http://ia701200.us.archive.org/1/items/lemouvementscien02over/lemouvementscien02over.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

OTLET, Paul; LA FONTAINE, Henri. Création d'un Répertoire Bibliographique Universel: note préliminaire. **Bulletin de L'Institut International de Bibliographie**, v. 1, n. 1, p. 15-38, 1895.

RAMIZ GALVÃO, Benjamin Franklin. **Catalogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typ. do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C., 1906. (v. 1)

RAYWARD, W. Boyd. **The universe of information: the work of Paul Otlet for Documentation and international organization**. Moscow: VINITI; FID, 1975.

SILVA, Mario R. da. A catalogação decimal da Bibliotheca de Marinha. **Revista Marítima Brasileira**, v. 21, n. 7, p. 891-911, jan. 1902.

UDC CONSORTIUM. **Universal Decimal Classification**. UDC Consortium, c2012. Disponível em: <<http://www.udcc.org/udcsummary/php/index.php>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

**Recebido/Recibido/Received:** 2015-08-30  
**Aceitado/Aceptado/Accepted:** 2015-10-22